

# Aníbal Pinto Castro

## Um gigante da cultura portuguesa

Maria Vitalina Leal de Matos

¶ A 8 de outubro morreu Aníbal Pinto de Castro, prof. catedrático jubilado da Universidade de Coimbra, durante muitos anos diretor da Biblioteca Geral. Membro das Academias das Ciências, Portuguesa de História, da História de Espanha, Nacional de História da Venezuela, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Sociedade Científica da UCP. No dia seguinte foi enterrado em campa rasa, sem discursos como ele próprio determinara, acompanhado de pequena multidão de amigos de Coimbra, do Porto, de Lisboa, e povo de Cernache, do presidente da Câmara de Coimbra, de colegas das Academias, e gente da Misericórdia local, de que era atualmente provedor. Entregávamos assim à terra aquele que era, no seu género, um gigante



Aníbal Pinto Castro. Aliava o saber enciclopédico à visão de conjunto, a paixão das Humanidades e dos livros a um imenso gosto de ensinar

das nossas letras, provavelmente o último: um homem aliando o saber enciclopédico à visão de conjunto,

a profundidade de análise crítica à preparação teórica, a paixão das Humanidades e dos livros a um imenso gosto de ensinar.

Escrevi em tempos o verbete sobre ele para a *Biblos* (que ele e colegas da direção da enciclopédia se encarregaram de mondar, «até parece uma hagiografia», comentara!) e fiquei assombrada com a quantidade de trabalhos, em tantíssimos domínios, que a sua bibliografia abrangia: desde poesia medieval e tradicional e da obra da dinastia de Avis ao *Cancioneiro Geral* e Gil Vicente, António Ferreira, Camões, e toda a literatura e historiografia do séc. XVI, o Barroco – e neste um ardor acrisolado pelo Padre António Vieira –, o teatro do séc. XVIII, com intenso labor ao longo do século XIX. Neste período, dedicou trabalhos a Eça de Queiroz, Oliveira Martins e outros, mas o grande relevo vai para os estudos camilianos, nos quais a sua obra se notabiliza não só em estudos mas ainda em cuidado prestados à Casa de S. Miguel de Seide, onde criou a Casa Museu Camilo Castelo Branco, fundou um Centro de Estudos e participou, organizando-os também, em inesquecíveis Encontros camilianos que fizeram progredir ineludivelmente o conhecimento da obra do romancista, numa atmosfera de investigação e de gostoso convívio, onde os prazeres intelectuais se aliavam ao gosto da boa mesa, em acordo das personalidades do autor estudioso e do autor estudado...

Creio que só me dei conta da vastidão e organicidade do seu saber quando um dia, em l'Aquila, correspondendo a um apelo que

eu e Anna Ferrari lhe fizéramos, ele dissertou sobre as relações literárias entre Portugal e a Itália, revelando os domínios conhecidos e assinalando os ainda por explorar, apontando aos alunos múltiplos temas para *tesine di laurea* e trabalhos de maior tomo, em assombrosa mostra de erudição!

Este grande homem era, no plano pessoal, amigo do seu amigo, *bon vivant* de piada fácil, amante da boa mesa e da *trela*, como ele dizia. E não resisto a contar uma história com ele passada: dirigira-se à Gráfica de Coimbra e encontrou por acaso António Arnaut e um amigo deste: «Olha que dois!»; ao que o dr. Arnaut respondeu: «Consigo já somos três! Olhe lá, o meu amigo não me quer apresentar este livro de poemas?» E ele, sem embaraço: «Por que não?» Recorde-se que António Arnaut era nessa altura o grão-mestre da Maçonaria, e o Aníbal via no «avental» o diabo em figura de gente. Na noite aprazada, Aníbal começou assim, com o seu usual humor de bonomia discordante: «Quero dizer-lhes que o facto de eu estar hoje aqui, a apresentar a poesia do meu amigo, não significa que eu tenha aderido ao Grande Oriente Lusitano; nem que o dr. António Arnaut tenha entrado para a confraria da Rainha Santa!»

De zangas homéricas e verbo violento, tinha no fundo uma bondade proverbial. Dirigia há longos anos a Casa da Infância Dr. Elísio de Moura, onde se acolhem meninas sem família que delas se possam ocupar. No verão, no Luso, tínhamos o hábito de o convidar para jantar, e era frequente que ele viesse de uma visita a Mira, onde ia ver se tudo estava bem «com as pequenas», que ali faziam as férias de praia.

A dissertação de doutoramento a que o sujeitou o mestre, o prof. Costa Pimpão, *Retórica e teorização literária em Portugal. Do Humanismo ao Classicismo* (1973), que nenhum outro investigador aceitaria pela aridez que prometia, tornou-se instrumento de pesquisa indispensável, com o desbravamento de materiais de que raros sem o seu arcaiboço dariam conta: «O travejamento intelectual e técnico-literário desse longo período permitiu-lhe entender o fenómeno literário a partir das suas condicionantes mais íntimas e menos estudadas» (*Biblos*, 1955, 1059). Assim, Aníbal Pinto de Castro estabelece a ponte entre o manuseio ágil da erudição coimbrã, em que absorvera a disciplina dos estudos filológicos e da pesquisa literária tradicional em que recolhe o que tem de melhor – o método histórico-literário – com os avanços dos estudos críticos do séc. XX: orientação para o texto, intertextualidade e a importância dada à narratologia.

Era um estudioso como não há, nem haverá decerto. Os que tiveram o privilégio de o conhecer, jamais o esquecerão. ¶¶